

RESENHA: NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS

Avani Souza Silva (USP)¹

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Athalaia, 2010.

Cristiane Sobral é uma poeta que tem publicado nos *Cadernos Negros*, desde 2002. Agora as livrarias recebem o seu primeiro livro, que leva o título de um de seus poemas: *Não vou mais lavar os pratos*. O livro reúne 123 poemas, fortemente ligados ao cotidiano, abordando diversos temas: maternidade, gravidez imaginária, filho desejado, memórias da infância e da mocidade, relações familiares, imagens de uma África longínqua e ancestral, situação atual da mulher negra, o grito da negritude. Em sua maioria, os poemas são compostos de versos livres, e nesta forma o conteúdo flui como em uma prosa poética:

Conheci meu pai na meia idade
Aposentado, e com os cabelos brancos.
Pele negra, cabelo liso e grosso
Não tinha cabelo no peito.

Às vezes a voz poética prende-se a rimas, algumas forçadas, tentando ajustar uma forma a um conteúdo por vezes didático: “Sempre existe algo a melhorar/Um destino a encontrar/Sempre haverá solução/Diante de algo concreto a fazer/Às vezes não sabemos o que dizer/Mas vale a reflexão”. Contudo, esses momentos são paradoxais, já que na maioria dos poemas, utilizando o recurso da metalinguagem, a poeta postula a liberdade da forma. Em “Abruptero”, há ressonância de “Poética”, de Manuel Bandeira, quando ele rechaça o lirismo comedido (“Estou farto do lirismo comedido/Do lirismo bem comportado/Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente [...]”); e a forma que amordaça o conteúdo poético, apregoando a liberdade temática e formal (“Abaixo os puristas/Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis”). Vejamos o diálogo intertextual, a partir dos versos sobralinos, em anáfora, nos quais a poeta propõe a liberdade de temas, o direito de falar sobre o cotidiano, e o fim das formas previsíveis, já vistas:

Abaixo os inacreditáveis roteiros com final feliz
(...)
Viva a coragem de encarar os próprios problemas!
(...)
Abaixo o saber pelo sofrer
(...)
Viva o saber pelo sentir e a esperança das portas abertas

Consoante o projeto modernista, Manuel Bandeira, em “Poética”, postula a liberdade formal, pois a poesia deve ser livre não apenas das formas pré-estabelecidas,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP, mestre em Letras pelo mesmo programa. Email: avanissilva@usp.br.

mas também para falar sobre qualquer tema. A intertextualidade com “Poética”, de Manuel Bandeira, presentifica-se também em “Declaração”, poema em que Cristiane Sobral postula o fim das paixões provisórias e clama pela permanência maior das histórias: “Abaixo as paixões infinitamente provisórias! (...) Que venham as inesquecíveis histórias!”.

O poema “Não vou mais lavar os pratos”, que dá título ao livro, é paradigmático do anseio por liberdade, denunciando a opressão de classe, de raça e de gênero. A mulher rechaça sua exclusão social e a opressão doméstica porque aprendeu a ler. A escrita surge como uma libertação, um passaporte social: “Não vou mais lavar os pratos/Nem vou limpar a poeira dos móveis/Sinto muito. Comecei a ler.”

A poética sobralina foca geralmente o cotidiano, principalmente das mulheres, centrando o sujeito poético na primeira pessoa, no eu feminino. Tema recorrente é o da negritude, em que a poeta aponta e denuncia as questões que afligem os negros, principalmente o modelo de beleza europeu que é imposto às mulheres negras, que as obriga ao alisamento do cabelo para aproximarem-se desse modelo. O poema “Cuidado” é emblemático do assumir-se negro, assumir a própria identidade tendo o cabelo como metonímia dessa identidade:

E vou falar do nosso cabelo
(...)
Aceitamos o codinome pixaim e o sobrenome bombril
(...)
Eu vou falar porque isso acaba com a gente

O poema “Escova progressiva” é quase uma provocação, é um grito de protesto ao modelo imposto de cabelo alisado. Como Solano Trindade, ela também reivindica o cabelo pixaim, o cabelo natural do negro, aspecto de sua identidade:

Se a raiz é agressiva
Escova progressiva
(...)
Eu tenho medo do formol
Abaixo a chapinha no cabelo da neguinha

E ainda o poema “Pixaim elétrico” é um grito de liberdade, uma atitude de assumir a identidade negra corajosamente:

Naquele dia
Meu pixaim elétrico gritava alto
Provocava sem alisar ninguém
Meu cabelo estava cheio de si
(...)
Soltei os grampos e segui, de cara pro vento, bem desaforada...
Sem esconder volumes nem negar raízes.

O eu lírico feminino, ao assumir-se negro, reafirma a identidade do negro pelo traço étnico característico além da cor da pele: o cabelo pixaim; e na forma mais rebelde: o pixaim elétrico. O pixaim, traço identitário do povo negro, ao longo dos tempos tem sido aproximado do modelo branco por intermédio de processos agressivos

de alisamento, ou de escova progressiva como denunciado no poema “Escova progressiva”: “Tenho medo de formol! Tenho medo de formol!”. Resgatar esse elemento identitário – o cabelo – é uma forma de resistência da identidade, de lutar contra as outras culturas que interagem nos mundos culturais, como bem definido por Stuart Hall (2006), e descentram o sujeito. Para Hall, a globalização, fenômeno que mais atinge as identidades, é também responsável pela descentralização do sujeito na pós-modernidade.

Segundo ele, as identidades não são fixas e imutáveis; ao contrário, elas estão sempre em constante processo, em mobilidade, em mudança, devido às trocas culturais que ocorrem nos mundos culturais. Para o processo móvel e constante da identidade, Hall prefere a denominação “identificação”, a fim de designar identidade em processo. As culturas estão sempre em confronto, em processos de misturas, gerando novas identidades nos sujeitos que atuam nesses mundos culturais. A globalização pasteuriza as culturas, pois promove verdadeiros supermercados culturais. Não é por outra razão que os negros buscam o alisamento de seus cabelos, principalmente as mulheres negras, para se aproximarem dos modelos culturais com que interagem.

Hall descreve as consequências da globalização sobre as identidades culturais, sintetizando-as em três momentos: a desintegração das identidades nacionais em razão da homogeneização cultural (consequência da globalização); o reforço das identidades nacionais como resistência à globalização; e o declínio das identidades nacionais dando lugar às novas identidades – híbridas. A desintegração das identidades nacionais dá-se pelo confronto com outras identidades. Quanto ao fortalecimento de identidades locais, ele pode ser visto com uma reação defensiva contra a presença de outras culturas. É o caso, por exemplo, do apelo à identidade racial ou a promoção de elementos identitários, que são atitudes que reforçam a identidade e funcionam como defesa contra a presença de outras culturas. No nosso entendimento, é isso que Cristiane Sobral faz ao reafirmar o cabelo pixaim do negro.

A partir da reafirmação de sua cultura, assumindo e promovendo importante traço identitário – o cabelo –, a poeta está fazendo resistência cultural. Esse movimento é também de resistência identitária. Assim, sua poética insere-se de forma contundente na contemporaneidade, abordando tema muito atual nos Estudos Culturais: a identidade do sujeito. Para Eduardo de Assis Duarte², a Literatura Afro-Brasileira é aquela que não é apenas escrita por negros, mas aquela que está comprometida com a causa negra, e nesse sentido Cristiane Sobral é um nome importante dentro dessa literatura, trazendo para a discussão temas que afetam os negros, e principalmente as mulheres negras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Athalaia, 2010.

Resenha recebida em 28 de agosto de 2011 e aprovada em 6 de outubro de 2011.

² DUARTE, Eduardo de Assis. Anotações da palestra “O que é literatura negra? – origem e trajetória”, proferida no *Seminário Cadernos Negros Três Décadas. Literatura, Escola & Cultura*, realizado no dia 15 de março de 2008, na Universidade das Américas – FAM, em São Paulo.